

A TRANSGRESSÃO DE ALBA VALDEZ AO SOCIALMENTE IMPOSTO E SUA LUTA PELA LIBERDADE E PELOS DIREITOS DAS MULHERES

ALBA VALDEZ'S TRANSGRESSION TO WHAT WAS SOCIALLY IMPOSED AND HER FIGHT FOR FREEDOM AND WOMEN'S RIGHTS

Brenda Lima dos Santos Lopesⁱ
Yls Rabelo Câmaraⁱⁱ

Resumo: Alba Valdez, uma intelectual cearense vanguardista, ergueu-se como uma das vozes mais proeminentes na luta pelos direitos das mulheres em seu contexto oitocentista e novecentista. Suas lutas, aliadas à sua profusa contribuição literária em tempos mais misóginos do cenário cultural nordestino, resultaram em desaprovação por parte de seus pares masculinos e na subsequente obnubilação de sua figura e importância. Contudo, com as incansáveis e constantes batalhas por igualdade de direitos e liberdade femininas, seu nome foi sendo trazido à luz, a partir dos porões do esquecimento onde se encontrava, e inspirando novas conquistas no campo do feminismo e da Literatura Produzida por Mulheres. Baseando-nos em teóricos basilares como Carvalho (2008), Duarte (2018) e Souza (2021), analisamos Alba Valdez neste artigo tendo por foco suas transgressões em prol da liberdade e da igualdade de direitos de suas congêneres. Concluímos que estudá-la é cada vez mais necessário, especialmente em tempos de intolerância violenta para com o elemento feminino, como é esse que hoje, infelizmente, vivenciamos.

Palavras-chave: Intelectuais Femininas Cearenses Oitocentistas e Novecentistas; Beletristas Cearenses dos Séculos XIX e XX; Escritoras Feministas Cearenses.

Abstract: *Alba Valdez, an avant-garde female intellectual from Ceará, emerged as one of the most prominent voices in the fight for women's rights in the 19th and 20th centuries contexts. Her struggles, combined with her profuse literary contribution in more misogynistic times in the Brazilian Northeastern cultural scene, resulted in disapproval from her male peers and the subsequent obfuscation of her figure and importance. However, with the tireless and constant battles for female rights equality and freedom, her name has been brought to light, from the basements of oblivion where she had been, and inspiring new achievements in the field of feminism and Literature Produced by Women. Based on basic theorists such as Carvalho (2008), Duarte (2018) and Souza (2021), we analyze Alba Valdez in this article focusing on her transgressions in favor of freedom and equal rights for her peers. We conclude that studying her is increasingly necessary, especially in times of violent intolerance towards the feminine element, such as what we unfortunately experience today.*

Keywords: *Female Intellectuals from 18th and 19th Century from Ceará; Belletrists from the 19th and 20th Centuries in Ceará; Feminist Writers from Ceará.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Professora Efetiva da Rede Municipal de Fortaleza. Pós-graduação em Docência e Prática de Ensino em Português. Pós-graduação em Neuroeducação. Integrante do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. *E-mail:* brendalimass@gmail.com.

ⁱⁱ Doutora e Mestre em Filología Inglesa (Letras – Língua Inglesa) pela Universidad de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Idealizadora, Orientadora e Líder do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. Professora Visitante na UECE e Pesquisadora da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). *E-mail:* ylsacamara@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Explorar a escrita das mulheres na literatura nordestina nos leva a um terreno complexo, marcado por diversas formas de violência, misoginia e exclusão, mas também por lutas, empoderamento e fortalecimento de identidades. Recordar os nomes de escritoras nordestinas pretéritas que desempenharam um papel fundamental na formação da literatura nacional torna-se uma questão imprescindível para que entendamos os papéis sociais femininos atuais, espelhados por escritoras contemporâneas a nós. Isso contrapõe o esquecimento sistemático que as mulheres enfrentaram até bem entrada a segunda metade do século XX, em uns tempos mais do que em outros, devido às normas socioculturais que as silenciaram e confinaram, bem como à crítica literária historicamente enviesada por perspectivas predominantemente masculinas e antifeministas.

Nas últimas décadas, com o fortalecimento das pesquisas sobre a História das Mulheres e o impulso das abordagens teórico-sociológicas dos Estudos Culturais e de Gênero, oriundas de instituições nacionais e internacionais, temos a oportunidade de questionar as lacunas existentes na história da Literatura e na historiografia literária. Essas foram formadas por uma ordem discursiva que promovia padrões culturais marginalizados em relação às vozes femininas. Assim, nos espaços públicos – como auditórios, assembleias e reuniões –, a depender do contexto, do lugar e do momento, as mulheres eram, o mais das vezes, relegadas ao papel de simples espectadoras – como ainda o são em sociedades mais androcêntricas do que a nossa –, como no Oriente Médio, na África e grande parte da Ásia.

Nos templos religiosos, sua participação, até certo tempo atrás, estava geralmente limitada ao arrependimento e à contrição, não lhes sendo permitido pregar, conforme relato de Perrot (2005). As mulheres foram, durante quase todos esses pouco mais de vinte séculos de patriarcado institucionalizado, socialmente condicionadas a manter o silêncio ou a falar em um tom muito baixo, evitando expressões que não se encaixavam nos padrões do que era considerado apropriado para “uma mulher respeitável” (Souza, 2020). Mais esmiuçadamente, Lakoff (2010) sintetiza algumas das diferenças observadas entre a linguagem utilizada por mulheres e homens, que incluem variações na escolha e frequência de palavras, nas situações em que certas regras sintáticas são aplicadas, na entonação e em outros padrões linguísticos mais complexos.

Graças ao movimento feminista, a Literatura se tornou menos centralizada e mais democrática, diminuindo os espaços de subalternidade que muitas escritoras enfrentaram. Gradualmente, estamos confirmando que na memória cultural brasileira, inúmeras mulheres

estiveram na vanguarda, desafiando as normas de sua época para assegurar, em liberdade, seus lugares no mundo e que sempre lhes pertenceram por direito. Esse reconhecimento é especialmente relevante quando se trata das escritoras nordestinas brasileiras.

Durante os séculos XIX e XX, apesar da persistente ordem machista que buscava colocar as mulheres em posições de inferioridade, submissão, incapacidade e restrição intelectual, foi observado que, aos poucos, elas desafiaram essa lógica, resistiram e afirmaram sua identidade como mulheres, dentro das limitações da época. O discurso predominante, amplamente masculino, tentou suprimir os protagonismos femininos e apresentar versões tendenciosas do assunto como um meio velado de proteger seu domínio, poder e controle. No máximo, alguns homens, como observou Henrique Samyn (2019, p. 46), contemplaram um feminismo que, “[...] desprovido de qualquer agenda emancipatória” e completamente alheio a seus valores políticos, preservasse “[...] uma série de elementos considerados tipicamente femininos a partir de uma perspectiva conservadora”.

Para resistir às estratégias de submissão à dominação masculina, as mulheres, em nossa historiografia literária, conseguiram (re)existir por meio da expressão escrita, especialmente aqui analisada nas literaturas cearense e nordestina, documentadas nas páginas dos contos memorialistas e nos periódicos da época. Portanto, é essencial reconhecermos a importância da conquista da esfera pública pelas mulheres como um meio de valorizarmos o discurso feminino. Esse reconhecimento torna-se particularmente relevante quando uma mulher se ocupa de ser uma oradora pública, como foi o caso de Alba Valdez. Ela alcançou essa posição valendo-se de suas publicações em periódicos, livros e de sua ativa participação na imprensa cearense. Durante as sessões nas instituições culturais e literárias regionais às quais pertencia ou para as quais era convidada a participar por certo tempo, Alba Valdez proferiu discursos significativos que a eternizaram por suas palavras certas nas horas precisas e nos momentos exatos.

Este artigo se posiciona contra as práticas preconceituosas de nossa história, buscando revelar as contribuições da grande figura supracitada, Alba Valdez, que foi subestimada, mas que desempenhou um papel fundamental na formação cultural nordestina e nacional. O objetivo desta pesquisa básica e de objetivo exploratório é questionar parte da História da Literatura Brasileira que promoveu visões preconceituosas de escritoras nordestinas cujas obras ofereceram perspectivas valiosas sobre o mundo, a vida, a sociedade e as subjetividades em seus contextos e tempos.

Esses pontos de vista individuais enriqueceram, de maneira plural, a experiência identitária de leitoras e leitores de sua época, assim como contemporâneas/os. Neste escopo, concentramos nossa atenção na produção literária dessa mulher irrepetível, uma das pioneiras

na Literatura Brasileira e que também desempenhou um papel importante no movimento pela emancipação dos direitos das mulheres no país.

Dessa maneira, mesmo diante das restrições que proibiam as mulheres de participar ativamente na esfera pública e enfrentando a censura social e cultural que silenciava suas vozes, muitas desafiaram as normas estabelecidas; Alba Valdez desafiou todas. Sua presença está plasmada nos comícios onde discursou, nas reuniões nas que participou, nos livros que escreveu e nas publicações em periódicos nos quais colaborou, ousando sempre tomar a palavra em público. Como Perrot (2005, p. 322) destaca: “[...] fissuras começaram a surgir nas barreiras do silêncio. O trabalho, o movimento feminista e o movimento operário desempenharam papéis fundamentais nesse processo”.

Para que bem detalhemos em poucas páginas os muitos capítulos que teve a vida de nossa fêmeageada, neste dossiê, que versa sobre as escritoras nordestinas que o Cânone Literário Brasileiro silenciou e apagou, o presente artigo está dividido em quatro partes. Na próxima seção, tratamos do percurso metodológico do trabalho; nas seguintes, do arcabouço teórico e das discussões acerca dos dados que obtivemos ao pesquisá-la em bancos de dados acadêmicos e em repositórios universitários.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Anfitriã da escrita feminina nordestina, Alba Valdez foi pioneira na criação da representação da figura da mulher que representa a Liberdade (assim mesmo, com letra inicial maiúscula, representando sua importância para o elemento feminino). Esta relevância pode ser o motivo de ela ainda hoje não receber a devida atenção em termos de estudos acadêmicos dedicados a investigações sobre a escrita feminina, a figura feminina na História e todo o movimento representado por mulheres.

Ao realizar um levantamento bibliográfico sobre este tópico específico, confirmamos que, atualmente, o Nordeste é a região brasileira que apresenta a maior quantidade de indivíduos com essa representatividade, contando com uma variedade de trabalhos acadêmicos sob a forma de artigos, ensaios, trabalhos completos publicados em anais de eventos, monografias, dissertações e teses. No entanto, poucos deles são dedicados a esta beletrista, feminista e professora cearense – razão pela qual a estamos agradecendo com esta análise.

Sendo assim, como somos parte fundadora da membresia do Grupo de Estudos Filhas de Avalon¹, sentimo-nos instigadas a investigar acerca desta mulher especialmente marcada por sua atuação nas áreas da Literatura, do Jornalismo e da Educação² no Ceará, dos últimos anos do século XIX a meados do século XX (Gutiérrez, 2017), uma vez que esse seu espírito libertário e sua luta pela dignidade das mulheres nos mostram a construção de um feminino transgressor que luta e resiste.

Após o levantamento bibliográfico que se estendeu por dois meses, demos início à tessitura do texto a quatro mãos, que se iniciou em agosto de 2023. Trata-se, portanto, de uma investigação de abordagem qualitativa, cujas análises foram realizadas partindo da leitura e da pesquisa dos textos contidos no livro *Em sonho* (1901), *masterpiece* valdeziana e nosso *corpus* nesta investigação.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Alba Valdez: uma mulher inspirada e inspiradora

De acordo com Souza (2020), Alba Valdez, nome fictício adotado por Maria Rodrigues Peixe, veio ao mundo em São Francisco de Uruburetama, hoje conhecida como Itapajé (CE), no dia 12 de dezembro de 1874. Ela veio a falecer no Rio de Janeiro em 5 de fevereiro de 1962. Era filha de João Rodrigues Peixe e de Isabel Alves Rodrigues Peixe. Além de sua carreira como professora e escritora, também foi uma destacada ativista na luta pelo feminismo – em cuja atuação repousa a maior parte dos estudos sobre sua pessoa e seu legado.

Seus pais estabeleceram-se em Fortaleza em 1877, onde iniciou sua educação formal na escola pública Isabel Teófilo Spinosa. Mais tarde, ingressou na Escola Normal do Ceará, graduando-se como professora em 1889. Seu primeiro emprego foi no Grupo Escolar de Fortaleza, onde sua dedicação e empenho a levaram a uma carreira docente que se estendeu até a sua aposentadoria, em 1921 (*ibidem*).

Além do trabalho como educadora, Alba Valdez mergulhou nos estudos literários e na vida cultural e política de Fortaleza. Envolveu-se com o Jornalismo, proferiu palestras e colaborou com jornais e revistas da época, como supra dito. Lutou incansavelmente pela

¹ O Grupo de Estudos Filhas de Avalon dedica-se ao estudo da vida e da fortuna crítica de escritoras nacionais e internacionais, pretéritas e atuais, especialmente as ostracizadas pelos cânones literários. É organizado, liderado e orientado pela Professora Doutora Yls Rabelo Câmara, Professora Visitante na Universidade Estadual do Ceará, e uma das autoras do presente artigo (Nota das Autoras).

² Aqui grafamos estes termos com iniciais maiúsculas com o fito de realçar sua importância (Nota das Autoras).

emancipação das mulheres e pelo direito ao voto, enfrentando as numerosas barreiras dos preconceitos que limitavam os direitos das mulheres naquela época (*ibidem*). Adotou o pseudônimo “Alba Valdez” como estratégia para contornar a oposição paterna ao seu envolvimento com a escrita, mormente quando passou a contribuir para a imprensa local. Sob esse cognome, ela superou essas restrições. A escolha do nome “Alba” foi uma homenagem a uma amiga, a filha de Tomas Pompeu, enquanto “Valdez” foi inspirado no nome de um antigo dicionário da Língua Portuguesa (Andrade, 1976).

Em 1901, ela lançou seu primeiro livro, intitulado *Em Sonho*. Trata-se de uma coletânea que abrange crônicas, contos e textos em prosa. Aquele foi um período de impulso da escrita literária feminina nordestina – e brasileira, por extensão –, praticada por intelectuais que buscavam nas Belas Letras o caminho para se desvencilhar dos pesados ônus que carregavam por transgredirem e estarem cada vez mais presentes nos ambientes externos aos do lar: nas escolas, como professoras, e na imprensa, como colaboradoras.

Foi assim que em 1899, a cearense Emília Freitas, que tal como Alba Valdez era professora e literata, publicou aquela que seria a obra que inauguraria a ficção científica no Brasil: *A Rainha do Ignoto*. Em 1900, a potiguar Auta de Souza, beletrista e professora de catecismo, lançou sua obra única, *Horto*, poucos meses antes de falecer e a partir da qual seguiria escrevendo *post mortem*, pelas mãos sensitivas de médiuns como Chico Xavier e Manuel Nazareno. O mesmo ocorreu com a cearense Francisca Clotilde, outra professora e escritora que publicaria uma obra igualmente arrebatadora, *A Divorciada*, em 1902, e, anos após sua morte, seguiria mantendo sua missão literária pelas mãos de médiuns como Chico Xavier e Divaldo Franco.

Dando continuidade ao que se refere a Alba Valdez propriamente, em 1904, ela fundou a Liga Feminista Cearense, a primeira associação literária do gênero no estado e, juntamente com outras mulheres, trabalhou arduamente pelo desenvolvimento cultural e pelos direitos das mulheres na sociedade cearense. Mais tarde, em 1907, lançou seu segundo livro, intitulado *Dias de Luz*, que relata episódios de sua infância e adolescência. Alba Valdez tornou-se membra do Instituto do Ceará e, posteriormente, da Academia Cearense de Letras, onde fez história ao se tornar a primeira mulher a ingressar nessa instituição, ocupando a cadeira Nº 22 em outubro de 1937 (Souza, 2020).

Partindo da análise de fragmentos de textos do seu primeiro livro, abordamos, a seguir, o conceito do saudoso feminino transgressor e libertário, já que a relação entre a figura da mulher e a liberdade é negada profundamente e está enraizada em muitas culturas e tradições

ao redor do mundo. O feminino, com suas constantes transgressões, tem sido frequentemente apagado e relegado ao esquecimento acadêmico e social.

Na próxima seção, incursionamos por essa conexão especial entre o saudoso feminino e a transgressão libertária em diferentes trechos dos escritos de Alba Valdez.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O saudoso feminino

Durante a leitura dos textos de Alba Valdez, especialmente em seu primeiro livro, *Em sonho*, percebe-se uma profunda nostalgia sem origem clara. Valdez não manifesta saudades relacionadas a uma infância, um lugar específico ou uma situação particular. Ao invés disso, ela parece envolta em uma melancolia por algo que se perdeu, algo que ela nunca conseguiu encontrar. É por essa razão que a autora revive constantemente os momentos de sua vida, perpetuamente em busca desse elusivo tesouro.

O objeto de busca da autora manifesta-se intrinsecamente associado ao âmbito feminino. Em sua infância, o primeiro estágio dessa busca, ela reaviva suas lembranças do ato de brincar, conforme expresso em sua obra por meio deste trecho: “Brincar? Brincávamos, conforme as instruções paternas, dentro de casa, com as nossas bonecas, lendo livros de histórias, depois de estudadas as lições [...]” (Valdez, 2017, p. 15). Observa-se, assim, uma nota de nostalgia quando ela relembra sua infância. Entretanto, é essencial notar que a autora ressalta que desde uma idade precoce, as atividades lúdicas das meninas estavam sujeitas às “ordens paternas”, restringindo-as ao espaço domiciliar, ao passo que os meninos tinham à disposição a liberdade de explorar ambientes externos, como evidenciado pelo seguinte trecho: “Para o nosso irmão, meu pai mandou armar no quintal, num cajueiro frondoso, de galhos que varriam o chão arenoso, um trapézio [...]” (*idem*).

Conseguimos perceber que as questões de gênero, no contexto social de Valdez, aparecem de forma explícita. Assim, a situação “tão comum” no cotidiano da mulher de então define o feminino devido ao conjunto de características anatômicas, psíquicas e sociais que foram culturalmente associadas ao feminino na sociedade. Podemos perceber igualmente a existência dos papéis sexuais que refletem as expectativas e normas de comportamento associadas a cada gênero.

Essa situação exemplifica como eles foram aplicados na vida da autora durante sua infância. Descrevem, sobretudo, como as atividades lúdicas das meninas, como brincar com

bonecas, eram estritamente regulamentadas pelas “ordens paternas” e confinadas ao espaço doméstico, enquanto os meninos tinham plena liberdade para explorar o ambiente extramuros de suas casas. Isso demonstra como as normas de gênero influenciavam as experiências das crianças.

Ao revisitar essa situação, torna-se manifesto o desejo da autora por liberdade, a liberdade de ser e agir à semelhança de seu irmão e dos outros meninos. Ela observa que esses tinham a oportunidade de desfrutar do brincar ao ar livre, enquanto, desde sua mais tenra idade, lhe fora ensinado a obedecer estritamente às regras paternas, confinando suas brincadeiras ao ambiente interno da casa. Entretanto, Alba Valdez revela a natureza transgressora desse espírito feminino inquieto que, desde seus primeiros anos, encontrava maneiras de se adaptar e desafiar essas restrições – aqui, quanto ao balanço de seu irmão, utilizado às escondidas por ela e suas irmãs: “[...] nós nos utilizamos, às escondidas, dando cada balanço que fazia medo” (Valdez, 2017, p. 15). Dessa forma, podemos inferir que a liberdade personificada na figura da jovem Alba Valdez simboliza esse aspecto saudoso do feminino, que transgride de maneira natural, recusando-se a aceitar imposições ou regras.

3.2 Transgressão libertadora: a natureza do saudoso feminino

Nos textos escritos em seu primeiro livro, Alba Valdez realiza, através de fragmentos presentes em trechos dos textos em questão, a escrita de um texto maior, com um discurso libertador para com o saudoso feminino e para com a imagem simbólica da natureza deste, a transgressão e a liberdade.

O texto intitulado “Em sonho...” é dedicado por ela à saudade, sentimento que evoca a memória dessa imagem representativa da figura do feminino. Nele a autora afirma: “Deus põe-la no coração humano como a nota harmoniosa para fazer calar o sofrimento que se alevanta indomável, para transmutar a lágrima estudante em orvalho suave e consolado” (*ibidem*, p. 29). Com essa assertiva, ponderamos que essa recordação que desperta a saudade da essência feminina vem acompanhada pelo sofrimento crescente e torna-se indomável.

Quando se fala da figura e da história de um feminino originário, um ponto de partida, uma base para a recuperação de forças, as mesmas sempre serão marcadas por algum tipo de sofrimento, já que com base nas contribuições de Wittgenstein, segundo o estudo realizado por Carvalho (2008), a compreensão e o reconhecimento da dor – a própria experiência da dor – não podem ser reduzidos unicamente a uma circunstância individual, limitada ao mundo interior

de um sujeito. Pelo contrário: para que a dor seja reconhecida, faz-se necessária uma compreensão, uma validação social.

Por essa razão, esses processos estão intrinsecamente vinculados a uma certa gramática linguística e argumentam que quando alguém afirma “eu tenho dor”, essa frase não busca meramente descrever uma sensação interna, mas inicia um complexo jogo de linguagem (*ibidem*). É um pedido de reconhecimento sobre algo que se passa entre uma/um autora/or e quem a/o lê ou escuta; esse pedido solicita que no jogo se vá buscar o sentido para aquilo que nos parece privado – e que tem o mesmo estatuto do que nos é exterior, público.

Por isso, essa dor manifesta-se no cair da lágrima ao lembrar a saudade da figura saudosa do feminino corajoso e transgressor que se manifesta ao se descumprir as regras paternas; a dor de um feminino que, ao crescer, precisou ser silenciada e escondida até o momento em que “Um sino canta docemente ao longe. É a hora misteriosa da saudade” (Valdez, 2017, p. 31). O sino toca e desperta, no choro, o saudoso feminino que transgride, na dor, tudo que lhe é imposto, principalmente ao se permitir chorar – e “[...] chorar não é próprio de homem” (*ibidem*, p. 36).

Assim, Valdez apresenta, através de seus textos, a esperança que é natural desse saudoso feminino, desse feminino transgressor. Ao se libertar por meio do choro – algo não natural para os homens –, a esperança mostra outro elemento intrinsecamente enraizado na natureza transgressora e libertária do feminino que surge como “[...] um luar brilhante, essa claridade que inunda o solo sobre o qual [...] passa [...]. É a esperança” (*ibidem*, p. 39). A esperança de retornar para o berço, lar desse saudoso feminino que carrega esse ser com a liberdade. É uma esperança consciente do processo tortuoso de trilhar esse deserto cheio de obstáculos, assim como a própria sonhadora dos poemas *Em sonhos...* Conforme Grimm (2021, p. 105), é o chamado “[...] ninho deserto”. Somos abandonadas, no nascimento, em um deserto para que soframos as privações sociais e para que encontremos o silêncio eterno – e às vezes mortal – da aceitação da subordinação que é imposta ao feminino desde o início: “E que o destino amargo, triste e forte, / Impele brutalmente para a morte [...]” (Espanca, 2015 p. 19).

Contudo, a voz libertária do saudoso feminino que acompanha esses seres ao longo do seu crescimento e desperta a liberdade, corrobora com o que Valdez (2017, p. 43) afirma:

Despertou-nos voz de mulher, voz suavíssima, que entoava uma canção cuja música jamais ouvira, porém os versos eram semelhantes aos que cantava minha mãe, quando em pequeninos, nos punha ao regaço, a mim e aos meus irmãos. O canto era muito belo, que mais o fazia a solidão do ermo e nesse momento nem sei o que me passou pelo coração ao ouvi-lo!

Dessarte, a palavra faz com que Alba Valdez se lembre “[...] da substância da qual somos feitas e do lugar que é o nosso verdadeiro lar” (Estés, 2018, p. 10). Então ela se lembra do que é e do que ela representa, ressuscitando o valor psíquico do arquétipo da força inimitável e inefável da voz feminina. Essa música, aparentemente desconhecida, desperta o feminino para a consciência libertária; “É como se a voz de minha mãe viesse abençoar-me e uma orquestra angélica me embalasse o ouvido” (Valdez, 2017, p. 46). Assim, percebemos que o feminino é um forasteiro, um caminhante que não tem um lar fixo, mas que ao ouvir a cantiga da resistência, ao recordar e saudar a sua real natureza,

[...] leva toda esta alegria fictícia que me inunda, que toda ela te pertence; e a minha alma liberada nas asas da saudade, levantará o voo atravessando os mares espumosos, os desertos inóspitos e irá abrigar-se no teu seio luminoso [...] (*ibidem*, p. 47).

Deste modo, ela escreve um texto implícito que vai construindo a figura de um feminino libertário que se manifesta através das recordações saudosas de um ser infantil, que demonstra em suas ações, a verdadeira essência dessa feminilidade libertadora que ao longo do crescimento vai sendo suprimida e silenciada, mas que os sonhos e as recordações trazem à tona em forma de lembrança do lar desértico da natureza libertária: “Ela, com a mente alucinada dos indômitos desejos, ansiava ser o pássaro veloz que recorta os planos luminosos para ir em busca desse ideal sonhado [...]” (*ibidem*, p. 49). Essa liberdade, essa necessidade de fugir dos estereótipos foi o que alimentou nela a busca por uma nova configuração da mulher no Ceará de seu tempo.

Na próxima seção, expomos o ambiente no qual se inseriu Alba Valdez, suas lutas para rearranjar a imagem das mulheres contemporâneas a ela – principalmente suas conterrâneas – e seu legado de lutas e de vitórias, mesmo sendo acachapada por um sistema falocêntrico e opressor que sempre buscou silenciá-la e ofuscá-la.

3.3 Em meio ao caos, a ordem: a recepção do trabalho de Alba Valdez no Ceará

Apesar de não ser amplamente reconhecida no cenário literário cearense e brasileiro, Valdez tem tido seus textos traduzidos e publicados em outros idiomas ao longo do tempo, como o francês, com o seu trabalho intitulado “A Carta”, que foi publicado no jornal parisiense *Le Matin*. Além disso, ela desfruta de reconhecimento e admiração por parte do público escandinavo graças às traduções de suas obras na Suécia (Souza, 2021).

Isso se dá uma vez que ela conseguia discursar, escrever e dialogar de forma a levar quem a lia ou ouvia a uma reflexão sobre suas atitudes sociais, especialmente para com as mulheres: “A mulher é um ser fraco, propalam. Pois, da própria fraqueza, construirei a força necessária para comunicar as minhas emoções” (Valdez, 1937³). Nessa abertura do discurso proferido na sessão especial do Quinquagenário do Instituto do Ceará (Melo, 2020), nossa fomenageada revelou a força e o potencial argumentativos que utilizava para conseguir batalhar pelos direitos de fala das mulheres, que se materializavam, no discurso de Valdez, amparando-se no cotidiano e em sua escrita autobiográfica.

Essa escrita ia contra as “normas” sociais que ditavam as regras de que as mulheres deviam ser educadas para calar ou falar muito baixo, somando-se isso ao fato de que determinadas expressões não faziam parte do léxico de “uma dama” naquele contexto (Souza, 2020). Apesar das restrições impostas pela proibição da expressão pública e da censura social e cultural em relação às vozes femininas, Valdez desafiou esses paradigmas. Ela participou ativamente de comícios e reuniões, escreveu livros, contribuiu em periódicos e ousou fazer sua voz ser ouvida em público, principalmente em espaços de grande relevância cultural, literária e social, não apenas para o Ceará como para o Brasil,

[...] através de sua participação no Instituto do Ceará e na Academia Cearense de Letras, em que fazia seus pronunciamentos durante as sessões desses órgãos culturais e literários, como o que fez em alusão aos 50 anos do Instituto do Ceará, posteriormente publicado na Revista do Instituto do Ceará [...] (*ibidem*, p. 215).

Além da participação no Instituto do Ceará e na Academia Cearense de Letras, Alba Valdez teve um papel social importantíssimo na luta pelos direitos das mulheres no Ceará, uma vez que ela fundou a Liga Feminista Cearense no ano de 1904 e liderou-a. Por meio dessa entidade congregacional, ela conseguiu adentrar o território considerado predominantemente masculino e, com isso, rompeu estereótipos socioculturais que pregavam a superioridade masculina sobre o feminino. Valdez apropriou-se do discurso formal, comum aos “homens letrados”, para reconhecer e validar a presença das mulheres no meio literário e social da época.

Ao reconhecer e expor essa presença feminina nesse meio, conseguiu demonstrar, para a sociedade cearense de então, que as mulheres têm competência para superar os limites impostos por normas de conduta machistas e patriarcais que “ditam” as regras para que o feminino viva no mundo. Ela trouxe visibilidade e representatividade para o seu coletivo, que

3

Disponível em:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=166774&Pesq=Alba%20Valdez&pagfis=415> Acesso em: 19 nov. 2023.

pouco a pouco foi espreado para outras mulheres as lentas, mas constantes vitórias de suas demandas, questões e lutas. Portanto, por essas razões, a própria crítica literária (masculina) da época reconheceu que a escrita de Valdez e seus livros “[...] são bem estruturados, a ponto do leitor se familiarizar com eles, idealizar-lhes (sic) as feições, como se na realidade os conhecesse” (Souza, 2020, p. 220 *apud* A República, 1907, p. 1).

Tal como ela, naquele momento e antes e depois dele, tivemos outras pioneiras, outras intelectuais nordestinas vanguardistas: Francisca Clotilde, Emília Freitas, Ana Facó, Henriqueta Galeno, Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta, dentre muitas mais. Assim, esse avanço nos mostra que as mulheres abandonaram a posição imposta a elas e passaram a debater temas que antes eram debatidos apenas por homens, provocando abalos na realidade da sociedade e desencadeando transformações tanto sociais quanto linguísticas – o que demonstra mudanças extremamente relevantes.

À vista disso, Valdez construiu uma nova linguagem – fruto dessa nova posição que conquistou com luta árdua e diária –, que aproximou o cotidiano feminino nordestino, além de tratar de assuntos que estavam presentes no cotidiano não somente de mulheres, mas de homens também. Assim, ela fez com que sua escrita destoasse de tudo aquilo que era esperado do discurso feminino – uma escrita delicada e singela, como flores:

Um ramalhete de flores das mais suaves cores, do mais delicado aroma! Meditações de uma doce e poética melancolia! Narrativas singelas, despreziosas, descrições primorosamente feitas, e em tudo isto, disputando primazias, a elevação do pensamento com a correção da frase (Souza, 2020, p. 219 *apud* Barreira, 1951, p. 58).

Deste modo, a crítica literária foi impactada pela escrita da autora, que não é singela e delicada; muito pelo contrário. Valdez utilizou-se das falas das personagens para enunciar sua opinião e explicitar situações públicas e outros aspectos que eram comuns aos “homens” da época: “[...] A autora, pela boca de suas personagens, enuncia as ideias sobre instrução pública, incita o povo ao amor à pátria e torna-se eloquente quando pinta quadros domésticos” (Souza, 2020, p. 220 *apud* A República, 1907, p. 1). Com isso, ao fazer uso da linguagem comumente associada aos “homens” e abordar temas considerados “masculinos”, a crítica surpreendeu-se com a habilidade de Alba Valdez para se apropriar dessas palavras e, de maneira informativa e pedagógica, abordar esses tópicos.

Essa habilidade é compreensível à luz da formação docente da oradora, demonstrando que as mulheres não apenas possuíam opiniões válidas sobre questões sociais, mas também eram capazes de defendê-las e debatê-las de forma articulada. A eloquência presente em seu

discurso e a firmeza na manifestação de suas convicções, por meio da arte da oratória, fizeram com que a crítica, ainda que de maneira relutante, reconhecesse que as mulheres possuem habilidades cognitivas que as equiparam aos homens.

3.4 Superando-se a si mesma: como Valdez venceu limitações sexistas e chegou até nós

Ao longo do desenvolvimento humano em termos culturais e econômicos, a luta pela sobrevivência levou tanto a sociedade civil quanto os cientistas sociais a refletirem sobre a construção social do gênero, o que conduziu às conclusões e, no caso das mulheres, ao reconhecimento da frequente designação para o papel determinista que lhes impunham de cuidadoras matriciais, enquanto suas relações e papéis no matrimônio frequentemente refletiam uma imagem de submissão e passividade.

Por outro lado, aos homens era atribuída a responsabilidade de prover o sustento de suas famílias, mas sempre desfrutando de uma maior liberdade, inclusive para envolver-se em atividades de lazer que preteriam da companhia de sua esposa e filhos, e relacionamentos extramatrimoniais aceitos sem questionamentos, pois essa era uma rotina “natural” do masculino, pensava-se (Borelli, 1998).

Por isso, as mulheres passaram a materializar o senso, que se tornou comum, de que elas eram “seres frágeis,” sentimentais e sensíveis, estando associadas a uma orientação com ênfase no binômio “interdependência e feminilidade”; os homens, por sua vez, passaram a tomar as decisões hegemonicamente, fundamentando suas ações em juízos mais valorizados pela sociedade, que passou a ser estruturada em uma visão e “razão” masculinas, que negam o Outro e sua validade histórico-social – mormente se o Outro em questão for uma mulher. Desta maneira, com esse respaldo de estofamento cristão – e por si aristotélico, sexista e misógino –, passou-se a construir e ditar a visão social e a construção da visão instrumental do mundo, excluindo-se as mulheres desse contingente de privilegiados.

Alba Valdez adotou, em suas obras, o discurso do “modelo autorizado” pela crítica como ideal – padrão este legitimado pela cultura estruturalmente androcêntrica como o universal e competente: o discurso masculino (Schmidt, 1997). Contudo, foi também dentro dessa realidade que sua voz começou a ser ouvida, dentro do silêncio das mulheres em meio à edificação da historiografia literária, em meio a uma crítica reconhecida como sendo esse um espaço eminentemente masculino.

Assim, mesmo enfrentando a invisibilidade que é imposta às mulheres desde o nascimento, ela conseguiu, ao apropriar-se do discurso legitimado, inspirar a luta pelos direitos

das mulheres e o engajamento nas discussões sociais que fazem parte do cotidiano do povo nordestino. É por essa e outras razões que a crítica não pode subestimar ou negar a importância e o impacto desta intelectual marginalizada, que ressoa e exerce uma grande influência na cultura e na literatura do Nordeste, especialmente na Literatura Cearense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto desta análise, é imprescindível destacarmos a relevância da escrita de Alba Valdez na luta pelos direitos das mulheres. A trajetória dessa prócer cearense ostracizada desempenhou um papel fundamental na ampliação das discussões de gênero no cenário cearense, nordestino e nacional.

Ao longo deste artigo, observamos como Valdez não apenas desafiou as normas sociais restritivas impostas às mulheres de sua época como também empregou sua escrita à guisa de ferramenta poderosa para conscientizar, educar e inspirar a sociedade em relação aos direitos das mulheres e à igualdade, à liberdade. Suas obras refletem as complexidades das vidas femininas em uma sociedade opressora e sexista, e ao fazê-lo, ela abriu caminho para um diálogo mais amplo sobre a emancipação e a autonomia femininas.

Através de sua literatura, Alba Valdez deu voz às experiências de suas congêneres, destacando as injustiças, desafios e conquistas que enfrentaram. Sua escrita foi fundamental na promoção de mudanças sociais que beneficiassem o feminino. Nesse sentido, Alba Valdez foi também uma pioneira e uma defensora incansável dos direitos de suas iguais. Seu legado literário enriqueceu a Literatura e, *pari passu*, deixou uma marca indelével na história da luta pelos direitos das mulheres, destacando a importância do fazer literário como um veículo de transformação social e empoderamento das vozes subalternas.

Portanto, ao celebrarmos o trabalho de Alba Valdez, estamos também, ao mesmo tempo, reconhecendo sua contribuição inestimável para a causa das mulheres e para a promoção da igualdade de gênero – independentemente de serem elas nordestinas ou não.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. A. de. O centenário de Alba Valdez. In: *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, vol. 11, n. 2, 1976, p. 141-148.

BORELLI, A. *Gênero: Desafios e perspectivas*. 4 ed. São Paulo: Unicsul, 1998.

CARVALHO, J. E. C. de. Violência e Sofrimento Social: a resistência feminina na obra de Veena Das. In: *Saúde Soc.*, São Paulo, vol. 17, n. 3, 2008, p. 9-18.

GRIMM, J.; WILHELM, R. In: ÁVILA, M. (Org.). *Contos de fadas clássicos e populares: sem adaptação e sem censura*. 1 ed. São Caetano: Wish, 2021.

DUARTE, C. L. Escritoras Nordestinas do Século XIX Resgate e História. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 59, 2018, p. 177-184.

ESPANCA, F. *Livro de Mágoas*. Lisboa: Estampa, 2012.

ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMAN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. *Linguagem, gênero e sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

MELO, C. A. de; SANTOS, J. A. S.; SOUZA, K. S. F. de. Alba Valdez na Imprensa brasileira. In: *Revista Jangada*, vol. 8, n. 16, 2020, p. 280-297.

PERROT, M. A palavra pública das mulheres. In: PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005. pp. 33-44.

SAMYN, H. M. Da “poetisa bonita” à “máscula autora”: sobre a generificação de Francisca Júlia. In: *Miscelânea – Revista de Literatura e Vida Social*, vol. 25, jan.-jun. 2019, p. 39-60.

SANTOS, V. M. dos. Para pensar o campo científico e educacional mulheres, educação e letras no século XIX. In: *Revista Brasileira de Educação*, vol. 19, n. 58, 2014, p. 685-610.

SCHMIDT, R. T. Cultura e Dominação: o discurso crítico no século XIX. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, vol. 23, n. 3, 1997, p. 83-90.

SOUZA, K. S. F. de. Alba Valdez: uma Mulher de Letras entre a Literatura e a Imprensa Cearense. In: *Letras em Revista*, vol. 11, n. 2, 2021, p. 214-232.

VALDEZ, A. *Em sonho... (fantasias)*. 2 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2017.

VALDEZ, A. Sessão do dia 2. In: *Revista do Instituto do Ceará*, ed. 16, n. 2, 1937, p. 1-72. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=166774&Pesq=Alba%20Valdez&pagfis=415>. Acesso em: 19 nov. 2023.